

CHAMADO PARA CONTAR ESTRELAS



"[12.1] O SENHOR tinha dito a Abrão: 'Deixe sua terra natal, seus parentes e a família de seu pai e vá à terra que eu lhe mostrarei. [12.2] Farei de você uma grande nação, o abençoarei e o tornarei famoso, e você será uma bênção para outros'. [15.5] Em seguida [Deus], levou Abrão para fora e lhe disse: 'Olhe para o céu e conte as estrelas, se for capaz. Este é o número de descendentes que você terá.'" (Gênesis 12.1-2; 15.5 – Nova Versão Transformadora)

Na passagem bíblica acima, Deus

se manifesta a Abraão e dá algumas ordens misturadas com promessas ao homem que, futuramente, seria chamado pelo apóstolo Paulo de “pai daqueles que têm fé” (cf. Romanos 4.11). Abraão nasceu em uma das fabulosas cidades existentes no mundo antigo, Ur dos Caldeus. Nos dias de Abraão, Ur estava localizada ao longo do rio Eufrates e era considerada o centro cultural da época. A localidade ostentava uma arquitetura monumental, enorme riqueza, moradias confortáveis, música e arte. O que muitos não sabem é que, em sua terra natal, Abraão e seus familiares desconheciam o Deus verdadeiro e “serviam outros deuses” (cf. Josué 24.2). No entanto, quando recebeu o chamado de Deus, Abraão rompeu com a tradição pagã de seus ancestrais, deixou sua civilização e peregrinou para Canaã (cf. Josué 24.3), terra localizada a quinhentos quilômetros da cidade de Ur dos Caldeus. Lá viveu como nômade em tendas por quase cem anos!

Deixar a sua terra e família era uma decisão muito mais importante em uma sociedade tradicional do que na cultura moderna, individualista e de grande mobilidade. Abraão arriscou tudo que lhe era mais precioso. Ao deixar a casa de seu pai, Ele abriu mão de sua herança e de seu direito sobre a propriedade da família. Abraão trocou todo conforto e estabilidade que usufruía por um relacionamento pessoal com Deus. Por conta disso, ganhou fama imortal. Ainda hoje ele é reverenciado por adeptos de três grandes religiões mundiais: judaísmo, islamismo e cristianismo. Mas para que isso acontecesse, Deus precisou tirá-lo de sua terra – onde vivia tranquilamente com amigos e familiares – e levá-lo a um ambiente desconhecido no qual Abraão não possuía qualquer identificação. Tudo isso para que o futuro pai daqueles que têm fé “olhasse para o céu e contasse as estrelas”.

A ordem de Deus era clara, mas severa. Por isso, a viagem em fé de Abraão não foi um conto de fadas. Pelo contrário, teve marcas de lutas realistas em um mundo na maioria das vezes hostil. Abraão enfrentou diversos problemas e dificuldades, mas perseverou na busca do que acreditava ser a vontade de Deus. A atitude de Abraão foi uma completa rendição à vontade de Deus e a aceitação da promessa como resposta adequada às suas dúvidas.

Ninguém gosta de se sentir inseguro ou perdido. Acredito que uma das piores sensações humanas é a de caminhar sem saber para onde vai. Ou de andar em um lugar que não inspire qualquer confiança. Mas às vezes, para nos tornarmos naquilo que somos no coração de Deus, é necessário vivenciarmos – ainda que de modo figurado – a mesma experiência de Abraão. Não são raros os momentos em que Deus, para cumprir em nós o Seu plano divino, nos tira de nossa zona de conforto e nos coloca em outro ambiente, no qual não enxergamos perspectivas de vida semelhantes com as quais estávamos acostumados. Nesse processo, muitas vezes abrimos mão de grandes projetos gerados em nosso coração há muito tempo. Do ponto de vista puramente humano, se entende de forma bem nítida a troca da estabilidade do tempo presente pelas incertezas do futuro. Em momentos assim, somos **chamados para contar estrelas**. Como disse certa vez o pastor batista britânico Charles Haddon Spurgeon (1834 – 1892), *“as estrelas podem ser vistas do fundo de um poço escuro, quando não podem ser discernidas do topo de um monte. Assim também, muitas coisas são aprendidas na adversidade, com as quais o homem próspero nem sonha”*.

Contar estrelas é acreditar naquilo que é parcialmente visível, mas não palpável. Muitas vezes o caminho que Deus traçou para nós não é visto com clareza. Enxergamos apenas uma pequenina luz e, por isso, somos levados a crer que o caminho traçado por Deus não passa de um pontinho no céu, quando na realidade, ele abriga grandeza e esplendor.

Não é simples abrimos mão de algo construído ao longo do tempo – em meio à muitas lutas e adversidades – em nome de um projeto divino que se mostra muito distante, fora do nosso alcance imediato. É mais difícil ainda quando Deus primeiro quer que deixemos nossa “terra”, para só depois apontar novo destino. Quando Deus chamou Abraão, Ele disse: *“Deixe sua terra neste momento e vá para um lugar que só lhe mostrarei futuramente”*. Seria mais fácil se Ele dissesse: *“Veja primeiro o novo lugar para o qual deve ir e só depois deixe sua terra”*. Mas a verdadeira fé em Deus exige de nós primeiro a ação. Só depois nos é concedida a visão. Infelizmente, a maioria das pessoas espera sempre o contrário. Muitos em vez **primeiro crer e só então ver**, preferem **primeiro ver para só depois decidirem se irão crer**. É a famosa síndrome de Tomé que, ao receber a notícia da ressurreição do Senhor Jesus, disse aos seus companheiros: *“Não acreditarei se não vir as marcas dos pregos em suas mãos e não puser meus dedos nelas e minha mão na marca em seu lado”* (cf. João 20.25 – NVT).

Em uma de suas pregações, o pastor e escritor norte-americano Vance Houston Havner (1901 – 1986) declarou que, *“algumas vezes, Deus apaga nossa vela mais brilhante a fim de que possamos levantar os olhos para suas estrelas eternas”*. Às vezes, contar estrelas faz parte do árduo processo de deixarmos de ser quem os outros querem que sejamos, para voltarmos a ser o que de fato nós somos. Afinal, é somente com este tipo de ser autêntico – não estereotipado – que o nosso Deus se relaciona. Vivemos por fé, e não pelo que vemos, conforme declarou o apóstolo Paulo (cf. 2Coríntios 5.7), não é nada fácil. Mas... ainda assim, não deixa de ser possível. *Soli Deo Gloria*.